

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO – UFOP  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – ICHS  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II – HIS 697  
DISCENTE: FERNANDA PEREIRA BORGE – MATRÍCULA: 19.2.3322

**A relação entre a temporalidade moderna e o neoconservadorismo no Brasil pós  
manifestações de 2013**

Mariana, 2021

**Fernanda Pereira Borge**

**A relação entre a temporalidade moderna e o neoconservadorismo no Brasil pós  
manifestações de 2013**

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em História.

Orientadora: Professora Doutora Luísa Rauter Pereira

Mariana  
2021

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

B732a Borge, Fernanda Pereira.

A relação entre a temporalidade moderna e o neoconservadorismo no Brasil pós manifestações de 2013. [manuscrito] / Fernanda Pereira Borge. - 2021.

42 f.

Orientadora: Profa. Dra. Luísa Rauter Pereira.  
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.  
Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em História .

1. Mobilização. 2. Política. 3. Democracia. I. Pereira, Luísa Rauter. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 94(81)

Bibliotecário(a) Responsável: Luciana De Oliveira - SIAPE: 1.937.800



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Fernanda Pereira Borge**

### **A Relação entre a Temporalidade Moderna e o Neoconservadorismo no Brasil após as Manifestações de 2013**

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em História.

Aprovada em 28 de Abril de 2021

#### Membros da banca

Doutor(a) - Luisa Rauter Pereira - Orientador(a) - Universidade Federal de Ouro Preto  
Doutor - Marcelo de Mello Rangel - Universidade Federal de Ouro Preto

Luisa Rauter Pereira, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 28/04/2021



Documento assinado eletronicamente por **Luisa Rauter Pereira, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 21/07/2021, às 09:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0196433** e o código CRC **902F4AF6**.

## **Sumário:**

Introdução .....	6
Capítulo I – Manifestações da temporalidade moderna. ....	8
Capítulo II – A perda da confiança no passado frente ao novo tempo.....	12
Capítulo III – Contrademocracia: a manifestação do político na democracia.....	19
Capítulo IV – As características das manifestações brasileiras iniciadas em 2013.....	26
Considerações finais.....	39
Bibliografia: .....	42

## **Introdução**

O presente trabalho intenta analisar a ascensão do neoconservadorismo no Brasil a partir das manifestações de junho de 2013, e a relação desta com o conceito de aceleração temporal. Pretende-se investigar o papel do regime de temporalidade moderno na produção da subjetividade conservadora.

Primeiramente, observaremos a forma como o homem se relaciona com o tempo na sociedade contemporânea e a forma pela qual essa experiência de tempo moderna se reflete no cotidiano. Após esse breve levantamento, identificar-se-á a transposição desse regime temporal no terreno do político, e, como os reflexos desse regime mudaram a forma de se fazer política e se pensar o político junto às novas mídias sociais. Assim como, será salientado a maneira pela qual estas questões refletem na vida social moldando o subjetivo, o que leva ao neoconservadorismo ascendente.

Para compor a investigação do cenário político e democrático que se desenvolveu no Brasil a partir de 2013 com as chamadas Jornadas de Junho, bem como sua relação com a experiência moderna de tempo e a sua guinada ao espectro à direita conservadora, é preciso que mobilizemos autores do século XX, tais como Reinhart Koselleck, Hartmut Rosa e Pierre Rosanvallon. Buscar-se-á mostrar através da historiografia as relações entre o político e o social, e também a forma pela qual nos guiamos no mundo que é o nosso, a partir da temporalidade moderna. Analisar-se-á ainda, parte de produções historiográficas sobre o período de 2013 no Brasil, além de produções sobre a construção da subjetividade no tempo moderno.

Considerando as múltiplas temporalidades, este trabalho parte daquela fundada na Europa, principalmente na Alemanha a partir de meados do século XVIII. Apesar de esse pensamento ser em sua gênese europeu, não se pode negar que apesar de características e peculiaridades próprias a cada nação, majoritariamente o mundo ocidental é herdeiro do pensamento europeu. Além do que, parte considerável dos trabalhos sobre modernidade foram produzidos na Alemanha.

O recorte temporal escolhido para análise, parte do cenário das manifestações populares que já se desdobravam em algumas partes do globo a partir dos anos de 2010. No Brasil essas manifestações aconteceram a partir de 2013, ficando conhecidas como Jornadas de Junho, e estenderam-se até meados de 2016. Após esse período observa-se paulatinamente o crescimento da ala direita no cenário político, o que é perceptível através dos protestos que surgiram e se multiplicaram entre as mais diversas camadas da

população brasileira. A pesquisa destina-se a compreender como os aspectos sociais do tempo moderno podem contribuir para construção de uma subjetividade proveniente da ordem conservadora, e que se desdobra no terreno do político com o neoconservadorismo.

O texto se organiza para além da introdução em três capítulos mais as considerações finais.

O primeiro capítulo traça um panorama geral da relação entre o tempo moderno e as manifestações no Brasil. Mostra-se como a temporalidade moderna se deriva para o campo democrático a partir das percepções individuais sobre o espaço e o tempo em que estão inscritos os cidadãos.

O segundo capítulo faz um breve levantamento sobre a noção de tempo moderno amparado pelos conceitos cunhados por Reinhart Koselleck, sendo eles: espaço de experiência e horizonte de expectativa. É apresentada a forma pela qual tais conceitos se mostram fundamentais para perceber como esta temporalidade guia as ações dos seres no mundo. Apresenta-se a relação entre o tempo moderno e a subjetividade provocada por essa nova temporalidade.

O terceiro capítulo traz à baila as ideias de Pierre Rosanvallon sobre as noções modernas de política e democracia e como este terreno vem se transformando a partir da tecnologia disponível. Assim como, o modo como o avanço tecnológico foi fundamental para o aumento da participação popular no cenário político-democrático nacional.

O quarto capítulo descreve como as manifestações propriamente se encaixam na temporalidade moderna. Apresenta-se a necessidade da existência e a manutenção de espaços democráticos para que o ser se exponha e seja exposto necessariamente a eventos que demandam certa demora em seus acontecimentos, uma vez que estes espaços reconduzem a uma modelação do futuro que se mostra desconfortável em um mundo altamente acelerado.

## Capítulo I – Manifestações da temporalidade moderna.

Não há tempo consumido,

Nem tempo a economizar.

*(O tempo passa? Não passa. Carlos Drummond de Andrade)*

Pensar sobre o tempo é algo que sempre ocupou o homem. O tempo é algo intrínseco a todos os seres vivos, e, cada ser vive e experiencia o tempo de forma única. A partir disso, o tempo pode ser definido sob várias categorias, assim como, figurar em diversos campos da vida e do pensamento, salientando que, cada domínio tem sua própria narrativa, mas em senso comum, o tempo é um evento psicológico. Portanto, o tempo na ciência é algo relativo e, certamente, mais do que uma medição cronológica. Essa singularidade da experiência temporal também pode ser aplicada ao coletivo, ou seja, às sociedades.

A partir dos processos de lembrança e esquecimento que constituem a composição da memória, é possível denominar de tradição a coleção de experiências que os homens vivenciam, compartilham e transmitem ao longo do seu tempo em sociedade. As tradições guiam as orientações e o modo do ser de agir no mundo, e nesse sentido, a falta de experiências cria uma sensação de desorientamento, uma carência de valores e orientações. Um exemplo de tal desorientação pode ser notado ao perceber que de fato, tem-se a impressão de que o tempo têm se acelerado<sup>1</sup>. Isso implica em uma sensação de uma espécie de contração temporal na qual nossa vivência das experiências impostas pela modernidade, apresenta-se como se tivesse sido tornada mais curta.

Não nos detemos tempo suficiente em praticamente nenhum acontecimento, vive-se em uma busca para que tenhamos orientações e confiança para nos guiar ao futuro, e, uma vez que são tantas experiências, não é possível encontrar tempo para vivê-las integralmente no presente. É preciso salientar que essas experiências são fundamentais, visto que alargam nosso escopo de possibilidades, nossa identidade, conhecimentos e sensibilidade para nos guiarmos dentro de um mundo que é o nosso. Nesse sentido, o presente se torna alargado, amplo, e pensar no futuro deixa-nos mais exasperados, visto

---

<sup>1</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

ROSA, Hartmut. Aceleración social: consecuencias éticas y políticas de una sociedad de alta velocidad desincronizada. *Persona y Sociedad*, Santiago de Chile, v.25, n.1 , p.9-49, 2011.



que este é árido, e não detemos mais a confiança necessária para nos guiar por ele e até ele.

Uma pesquisa do instituto Datafolha de 01/06/2020 nos mostra que o brasileiro está menos esperançoso com seu futuro, bem como, grande parte da população se sente insegura, triste, desanimada e pessimista quanto ao país e ao futuro:

Quando pensam no Brasil, 69% se sentem inseguros, e 30%, seguros. O sentimento de tristeza associada ao país é compartilhado por 63%, e 34% estão felizes. Também é majoritário o sentimento de desânimo (59%), enquanto 39% estão animados, e o medo do futuro (57%), com 41% manifestando confiança no futuro.<sup>2</sup>

Pela forma da experimentação moderna do tempo, as experiências não estão mais ligadas ao passado, não mais se ligam à sua forma de tradição. Os valores tradicionais da sociedade não são mais aplicáveis, e sendo assim, vivemos em uma sociedade na qual não é deixado claro quais são os critérios de criação e de reconhecimento dos valores, o que leva à uma banalização do mal, tornando aceitável discursos opressivos e depreciativos de certos setores da sociedade para com seus opositores.

É preciso evidenciar que os valores na sociedade moderna existem como moeda de troca, os valores tradicionais foram convertidos em valores de mercado, o cidadão se tornou ele próprio uma mercadoria dentro da lógica do capital moderno. Para além de uma aceleração temporal, nos encontramos agora em uma aceleração social e dentro dela, a aceleração do ritmo de vida<sup>3</sup>. A aceleração do ritmo de vida modifica a nossa forma de agir no mundo que é o nosso. Atrelada à aceleração do ritmo de vida, está a revolução tecnológica, que propiciou uma nova forma para a configuração da rede de comunicação entre os membros de uma sociedade, e de certa forma, foi fundamental para que as manifestações iniciadas em 2013 no Brasil acontecessem, uma vez que foi através das novas mídias sociais que se deu o processo de articulação, organização e formação dos protestos.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> INSTITUTO DATAFOLHA, 2020. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2020/06/1988742-maioria-tem-orgulho-do-brasil-mas-esta-triste-e-pessimista-com-o-pais.shtml>

<sup>3</sup> ROSA, 2011.

<sup>4</sup> INSTITUTO DATAFOLHA, 2013. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2013/06/1297654-largo-da-batata-reuniu-75-mil-a-maioria-novatos-na-onda-de-protestos.shtml>

De fato, as manifestações reverberaram no cenário político nacional até pelo menos as eleições de 2018. É possível afirmar que tais manifestações traçaram uma mudança no panorama da forma de se fazer política no país.

O político, sendo fruto da sociedade acompanha a mudança desta, mesmo que de forma mais lenta, uma vez que cada instituição detém seu tempo próprio de aceleração<sup>5</sup>. Portanto, os processos temporais que permeiam a sociedade moderna se refletem na política da mesma.

Talvez as manifestações iniciadas em 2013 e que se seguiram até meados de 2016 tenham sido as maiores vistas desde a campanha pelas Diretas já! em 1984 e tal como essa, foi um marco na democracia nacional.

As campanhas das Diretas já! iniciaram-se em 1983 e se estenderam até 1984. O movimento também de cunho popular, buscava a volta das eleições diretas no Brasil. Durante os anos de chumbo no país (1964 – 1985) foi elaborada uma nova Carta Magna em 1967, a fim de legitimar o regime militar, que trazia em um dos seus pontos a formação de um colégio eleitoral para a escolha dos representantes dos cargos públicos em que os civis não podiam escolher seus governantes. Tais escolhas ficavam a cargo de uma junta das forças armadas, configurando assim uma eleição indireta, onde o povo não teria poder para efetivamente escolher seus mandatários, e, mais tarde ainda, durante os anos de 1968, foi decretado o fechamento do congresso nacional com a imposição do Ato Institucional, nº5.

Em 2013, o episódio que se iniciou com a revolta pelo aumento do preço do transporte público na cidade de São Paulo, desembocou em uma série de manifestações por todo o país sob as mais diversas reivindicações. Tal fato mudou a percepção política no país e pode ser considerado um marco de ruptura temporal.<sup>6</sup>

Inicialmente, restrito a um certo tipo de público, os atos que se seguiram devido aumento do preço dos transportes públicos ganharam forte apoio popular nas grandes capitais, em parte devido a grande repressão do Estado, que encontrou na força policial seu braço armado. Após essas manifestações iniciais pelo preço da passagem, ganharam lugar junto a elas, reivindicações contra a força policial, o excesso de gastos do dinheiro público, a má qualidade de gestão e, de forma geral, os manifestantes se posicionaram contra a corrupção, sendo esta entendida de várias formas.

---

<sup>5</sup> ROSA, 2011.

<sup>6</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=xjjISK6QfJg&ab\\_channel=DEPARTAMENTODEHISTORIA](https://www.youtube.com/watch?v=xjjISK6QfJg&ab_channel=DEPARTAMENTODEHISTORIA)

Pode-se dividir as manifestações em duas fases diferentes: a primeira, ocorreu com um grupo restrito de participantes, forte repressão policial, sem apoio da grande mídia – e sabe-se que esta tem a capacidade de contribuir para a criação de uma narrativa sobre o fato - e, tendo como pauta principal o valor da passagem do transporte público. Posteriormente a isso, durante a segunda fase, tem-se justamente o contrário do que se via até então: o apoio popular intensifica-se, as manifestações ganham espaço nas grandes mídias, a ação policial fica de certa forma mais contida e o movimento ganha outras pautas.

Apesar de em São Paulo as manifestações terem sido “comandadas” pelo Movimento Passe Livre (MPL), e este comumente aparecer como o ícone e propagador da pauta sobre o transporte público, os movimentos que buscam a tarifa zero já existiam e se encontravam em atividade já havia alguns anos.<sup>7</sup>

Um dos desdobramentos de 2013 foi uma guinada ao espectro da direita no Brasil, bem como um retorno aos valores conservadores, algo que se mantém até os dias atuais. No início das manifestações já era possível encontrar pessoas empunhando cartazes pedindo pela volta dos militares ao poder, assim como o desprezo pelas formas políticas tradicionais e em exercício.

A população ter ido às ruas em 2013 não significou necessariamente uma melhora para o país. Ao contrário, o que se viu foi o retrocesso em alguns âmbitos sociais, porém cabe ressaltar, é algo próprio e característico da história, apresentar momentos de maior e menor estabilidade. Como é sabido, história, assim como o povo nas ruas, nem sempre é a representação de um progresso.

---

<sup>7</sup> CAVA, Bruno. A multidão vai ao deserto: as manifestações no Brasil em 2013 (jun-out). São Paulo: Annablume, 2013. p. 13

## Capítulo II – A perda da confiança no passado frente ao novo tempo.

O tempo deve mudar de pele mas  
pode-se enterrar o passado? O passado foi  
feito para ser esquecido ou lembrado?  
Porque nada me é mais presente.

*(Nota de agradecimento. Newton  
Moreno)*

A relação com o tempo e o espaço, bem como seu conjunto de características, é algo que varia de sociedade para sociedade. Por serem polissêmicas, definir essas categorias é uma tarefa complexa, visto que pelo senso comum elas são dadas como naturais. O teólogo e filósofo Santo Agostinho, a respeito dessa condição do tempo, e aqui também podemos aplicar ao espaço, nos diz: “Se ninguém me pergunta, eu o sei: mas se quiser explicar a quem indaga, já não sei.”<sup>8</sup>. A respeito do tempo, não é possível afirmar com convicção se trata-se de algo que está fora do ser, que se encontra na natureza, ou se estamos tratando de algo inerente ao ser, ou ainda, se existe um tempo absoluto ou apenas um tempo relativo.

À relação que as sociedades têm com o tempo e com o espaço, bem como seu conjunto de características, dá-se o nome de temporalidade. Cada sociedade, em todas as épocas, apresenta sua forma de temporalidade. A mudança pela qual passa cada uma dessas temporalidades, está ligada ao próprio curso da história. Para a sociedade ocidental moderna, o tempo se apresenta de forma linear e constante. Desde o século XVIII é possível encontrar a ideia de que a história se acelera, nossa sociedade se acelera, e também, nossa vida torna-se mais veloz.<sup>9</sup>

Para Reinhart Koselleck, historiador alemão, o que caracteriza a fundação modernidade ocidental é uma nova percepção do tempo ou o que ele chama de *Satellzeit*. Tal termo diz respeito ao que seria algo entendido como um “tempo de sela”, fazendo alusão a um jóquei em seu cavalo, no qual ao mesmo tempo é possível vislumbrar a temporalidade que se esvai e a nova que desponta. Este fato teria ocorrido entre os anos de 1750 e 1850 na Alemanha, período esse que, para o autor, configura a formação da modernidade.

---

<sup>8</sup> AGOSTINHO. “Livro 11”. In. Confissões. São Paulo: Paulus, 2002.

<sup>9</sup> ROSA 2011.

Nesse período, não só foram criadas novas palavras para expressar novos acontecimentos, assim como palavras antigas não tiveram seu significado modificado, para além disso, nessa época os conceitos passaram por mudanças estruturais quanto a sua semântica, através da sua temporalização, democratização, ideologização e politização.<sup>10</sup> Tudo isso só foi possível porque a modernidade inaugurou uma temporalidade onde o tempo tornou-se ele próprio um motor da história, ou seja, a história não só se corporifica no tempo, mas através dele.

Nessa nova configuração, experimenta-se essa temporalidade de forma acelerada, onde cada vez mais numerosas e variadas experiências se apresentam no cotidiano. Koselleck apresenta dois conceitos fundamentais para entender a relação do homem com o tempo moderno, são eles: espaço de experiência e horizonte de expectativa. O espaço de experiência pode ser entendido como:

O passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento.<sup>11</sup>

Além disso, ele sempre irá conter uma experiência alheia. O horizonte de expectativa é o futuro, esta configuração está “ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é o futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto”.<sup>12</sup>

Ainda segundo o autor, essas categorias prenunciam a condição humana universal, visto que elas viabilizam o entrelaçamento entre passado e futuro. Assim, não é possível que um exista sem que o outro também exista, não é possível que ocorra expectativa na ausência de experiência, bem como, não é possível que ocorra experiências sem que se tenha também expectativas. Como demonstrado anteriormente, pode-se afirmar que o tempo não é natural e evidente, ele é uma construção cultural que em cada época dita de modo específico a relação entre o que já se conhece e o que foi experimentado como passado e as perspectivas e possibilidades voltadas ao futuro como horizonte de expectativa.

---

<sup>10</sup> KOSELLECK, 2006, p. 7

<sup>11</sup> *Ibidem* p. 309

<sup>12</sup> *Ibidem* p. 310

A modernidade caracteriza-se por um profundo distanciamento entre a experiência e a expectativa. Sendo assim, ela define uma nova forma de relação do homem com o tempo, e conseqüentemente, com a História. Koselleck aponta algumas noções que são utilizadas para nortear a definição de uma nova forma de se perceber o tempo, tal como a ideia de um coletivo-singular.

A História que até o século XVIII era “um cadinho contendo múltiplas experiências alheias”<sup>13</sup>, passa a ser um processo contínuo em direção ao futuro. Antes, por mais diferentes que fossem as histórias individuais, elas se assemelhavam quanto à experiência de ruptura temporal, e as mudanças eram tão lentas que não chegavam a configurar uma diferença relativa ao passado. A partir da ruptura que ocasionou a modernidade, o futuro se encontra aberto, cheio de possibilidades, mas também de desconfiança, uma vez que nos guiamos cada vez menos pelas experiências passadas, o que ocorre desde que a História perdeu seu *topos* de *Magistra Vitae*.

O termo *Magistra Vitae* foi cunhado pelo orador romano Marco Túlio Cícero (106-43 a.C), e diz respeito a História como “mestra da vida”. Nesse sentido, a História era percebida como um conjunto de exemplos que tinha o intuito de ensinar lições, de instruir os indivíduos, de guiar a vida. Os exemplos serviam tanto para ações a serem praticadas, quanto para aquelas que deveriam ser evitadas. Portanto, a História possuía um caráter pedagógico durante seu *topos* de *Magistra Vitae*.

Tal pensamento é norteador para entender como se consolida a História, uma vez que a escrita, logo, o pensamento, encontravam-se voltados para esse tipo de abordagem histórica, ou seja, uma abordagem pedagógica. A modernidade rompe o *topos*, uma vez que a nova temporalidade é guiada por uma ideia de progresso, o futuro do tempo histórico, isto é, está voltada para o futuro, onde as experiências tendem a ser diferentes daquelas já vivenciadas, à vista disso, o futuro tem um caráter de imprevisibilidade.

É importante lembrar que a noção de tempo no alvorecer da história como *Magistra Vitae* era cíclica, em um determinado momento este tempo seria concluído, não chegaria a um fim propriamente, mas a um recomeço. Durante a era cristã e a expansão de sua doutrina, esse tempo passa a ser linear e adquire um sentido escatológico, esse reinício então passa a ser a vida após a morte, o reino do etéreo. Na modernidade, o horizonte de expectativa deixa de ser a vida após a morte a passa a ser a vida terrena, ou seja, o futuro no mundo que é o nosso, e essa expectativa ocorre mesmo que de forma subjetiva e

---

<sup>13</sup> *Ibidem* p. 42

subentendida. Porém, com as crises do capitalismo durante o século XX as expectativas diminuem, o futuro deixa de ser tão otimista, e, cria-se um tempo de desesperança.

Do ponto de vista historiográfico, após a queda do *topos*, a história *Magistra Vitae* perde sua importância, uma vez que sua função era narrar e ensinar através de exemplos, e não propriamente ensinar e analisar criticamente os processos históricos e a História em si. No entanto, ainda hoje é possível encontrar sua conotação pedagógica no campo da memória cultural. Nesse sentido, Rangel aponta que:

Hoje, a impressão mais geral em relação a passados é a de que eles são muito diferentes do nosso mundo, de modo que praticamente não podem nos amparar em relação a questões e problemas mais propriamente coletivos como a ecologia, a tecnologia e a sexualidade.<sup>14</sup>

É notável uma constante e crescente desconfiança em relação ao futuro, o qual pode ser caracterizado como o local em que os problemas contemporâneos serão aprofundados e também como o espaço que apresentará os desafios e perigos existentes e mais significativos para a contemporaneidade.<sup>15</sup> Sendo assim, no tempo que é o nosso, existe uma diminuição da confiança necessária para nos guiar tanto por passados como em direção ao futuro, configurando assim uma espécie de dupla redução dessa confiança.

Para uma melhor compreensão da desconfiança gerada, é preciso salientar aquilo que Rangel denomina de crise, entendida como sendo os problemas de ordem cada vez mais significativos que nos são impostos pela nossa realidade, e que podem ser agravados pela falta de experiência e orientação. As crises provocam uma tendência que tem sido seguida pela sociedade, seja ela, a de articular e promover posturas mais depressivas, ansiosas, atônitas e mais violentas, egoístas e autoritárias. Torna-se usual respondermos de forma mais conservantista ao fenômeno da aceleração temporal, e nesse mesmo sentido, a sensação de medo e a promessa, podem ser motores que impelem à aceleração.<sup>16</sup>

Sendo assim, precisamos buscar, e estarmos abertos, à certas orientações disponibilizadas pelos passados e, também, à construção de projetos futuros que objetivam reorganizar o interior do mundo no qual nos guiamos. Visto que as mudanças

---

<sup>14</sup> RANGEL, Marcelo de Mello. Entrevista Marcelo de Mello Rangel. *Ensaio Filosóficos*, v. XVI, p. 119-139, 2017. p. 132

<sup>15</sup> *Ibidem*

<sup>16</sup> ROSA 2011. p. 31

das estruturas temporais das sociedades modernas mudam a essência da cultura, estrutura social e identidade pessoal das mesmas.<sup>17</sup>

A partir da relação apresentada acima, Rangel nos demonstra o conceito gumbrechtiniano de Fascínio.<sup>18</sup> Tal conceito pode ser entendido enquanto a necessidade de se mover em direção à outras possibilidades que não são impreterivelmente aquelas que estão mais devidamente disponíveis. Nesse ponto Gumbrecht se aproxima de Koselleck, posto que, para ambos as ações dos homens no mundo são baseadas em um “desejo” de se mobilizar. Esse desejo também pode ser encontrado em Lubbe, outro autor que trata da modernidade e que aponta esse desejo de mobilização enquanto constituinte de uma questão antropológica.<sup>19</sup> Para além disso, no mundo moderno além das pessoas, também o dinheiro, os bens e as matérias primas são postos em movimento. E essa necessidade de mobilização só pode ocorrer na “tensão entre aproximação e afastamento em relação a passados e futuros”.<sup>20</sup>

Rangel argumenta que estamos em uma acentuada e frenética busca pela fascinação e com isso o que se vê é uma movimentação cada vez mais virtual e também despótica, hostil e conservantista, tendo em vista não possuímos as condições necessárias para solucionar as “crises” que nos são apresentadas, cada vez em maior número, e diariamente. Tais crises entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativa “são capazes de desvendar o tempo histórico, na medida em que enriquecidas com seu conteúdo, conduzem a ações substanciais no movimento social e político”.<sup>21</sup>

Para além de uma aceleração temporal, Hartmut Rosa apresenta a possibilidade de nos encontrarmos agora em uma aceleração social, ou então, uma aceleração da vida. Tal fato é impulsionado por três motores externos que se relacionam entre si, e são eles: a aceleração tecnológica, a aceleração de mudanças sociais e da sociedade em si mesma, e a aceleração do ritmo de vida.

Essas são forças totalitárias, no sentido em que afetam os âmbitos da vida, e vão desde as formas de diversão, trabalho, educação, cuidado, relações de afeto, para alcançar até mesmo as formas de comunicação presentes e existentes. A aceleração social pode ser

---

<sup>17</sup> *Ibidem*

<sup>18</sup> RANGEL, 2017. p. 137

<sup>19</sup> DA MATA, Sergio. Depois do fim do platonismo fenomenológico: Hermann Lübbe e a descrição da aceleração civilizacional moderna. CIVITAS: REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, v. 17, p. 523-541, 2017. p. 537

<sup>20</sup> RANGEL 2017. p. 137

<sup>21</sup> KOSELLECK, 2006. p. 308



caracterizada por um aumento das taxas de declínio da confiança nas experiências e nas expectativas, e pela contração dos períodos definíveis como sendo o “presente”.<sup>22</sup>

No entanto, não existe uma pauta universal de aceleração, algo que acelere tudo. Ao contrário disso, o que ocorre é a percepção que há também uma desaceleração em muitos âmbitos.<sup>23</sup> Além disso, salienta-se o fato de a sociedade moderna experimentar uma sensação de escassez temporal, o que leva a uma dessincronização com relação ao tempo. O paradoxo que caracteriza a modernidade tardia, assim denominada por Rosa, é a tensão entre aceleração e desaceleração, o que cria essa sensação dessincronizada. Um exemplo disso é que enquanto detemos cada vez mais aparatos que otimizam nosso tempo, sentimos este cada vez mais escasso, o que é perceptível ao notarmos a existência de carros cada vez mais velozes, ao mesmo tempo que, temos a impressão de ficarmos cada vez mais tempo em nossos deslocamentos e parados no trânsito.

Graças ao avanço da técnica, eu posso me informar, por meios diversos e em tempo real, sobre um evento que acontece na minha cidade, mas caso queira me deslocar até lá a fim de acompanhá-lo pessoalmente, inevitavelmente terei de despende um quantum desproporcional do meu próprio tempo real.<sup>24</sup>

Para além disso, existem os processos que não se podem acelerar, os que podem acelerar, mas não irão, e outros processos que são intencionalmente desacelerados.<sup>25</sup> Essa dessincronização com relação ao tempo é por si própria um fator de aceleração social, uma vez que não se movimenta apenas pela promessa de aumento de nossa gama de conhecimento, mas também pelo medo de que, se esse escopo não for aumentado, seremos relegados ao ostracismo. Salienta-se ainda que se a aceleração de mudança social supõe uma contração do presente, naturalmente isso leva à uma aceleração do ritmo de vida. A contração do tempo presente é algo próprio da modernidade e acontece tanto no âmbito público quanto no privado, na política e no pessoal, na tecnologia e na estética, no vulgar e no científico e na dimensão cognitiva, ou seja, tanto na ordem cultural como na estrutural.<sup>26</sup>

Nesse sentido para Rosa, a desaceleração é mais do que uma reação ideológica à aceleração, ela é também uma necessidade fundamental para a manutenção da aceleração.

---

<sup>22</sup> ROSA, 2011

<sup>23</sup> *Ibidem*.

<sup>24</sup> MATA 2017. p. 536

<sup>25</sup> ROSA 2011.

<sup>26</sup> *Ibidem* p. 17

Duas possibilidades são concebíveis a partir da relação entre aceleração e desaceleração na sociedade moderna: primeiramente tem-se que os processos de aceleração e desaceleração estão de forma geral equilibrados, de modo que se pode encontrar nas temporalidades das sociedades os dois tipos de mudança, sem domínio claro e sustentação hierárquica de um sobre o outro. Em segundo lugar, o equilíbrio modifica-se em direção às forças da aceleração, e sendo assim, as categorias de desaceleração teriam que ser interpretadas como resíduos ou como reação à aceleração.<sup>27</sup>

Ainda para o autor, os processos de aceleração vêm em ondas, e essas se tornam mais evidentes a partir dos anos de 1990 com três processos distintos, mas correlacionados, são eles: a queda do muro de Berlim e o fim do bloco comunista, o neoliberalismo e a revolução digital.

Rosa aponta que das três dimensões nas quais se encontra a aceleração social, tem-se a aceleração do ritmo de vida como estando diretamente relacionada com a personalidade. A aceleração do ritmo de vida pode ser explicada com base em dois fatores: temos por um lado o fato de que os indivíduos podem se sentir pressionados a acelerar como uma resposta às mudanças sociais que os cerca, e nesse sentido, é possível que ocorra o reforço da aceleração provocado por um medo de ser prejudicado, de sair perdendo. É preciso se atentar a todo momento para as demandas de velocidade e flexibilidade do mundo social e econômico. Porém, por outro lado, salienta-se que o acelerar do ritmo de vida pode ser visto como uma resposta, até mesmo voluntária à promessa da aceleração.<sup>28</sup>

A aceleração do ritmo de vida, bem como a aceleração de mudanças sociais, reflete-se também na linguagem. Ela modifica-se e esquiva-se de atributos de identidade. Para tal, faz uso de determinados indicadores temporais, e a introdução desses indicadores demonstra uma “contração da identidade” temporal, que por sua vez, se reflete na “contração do presente”.<sup>29</sup> Isso acontece porque na modernidade tardia, diferente da História como *Magistra Vitae*, não se pode planejar a vida em nenhum âmbito por tempo indeterminado.<sup>30</sup> Essa contração do presente reflete-se também na política, tendo em mente que o político e o social são indissolúveis, e também, que o político é o conjunto de procedimentos a partir dos quais desabrocha a ordem social.<sup>31</sup>

---

<sup>27</sup> *Ibidem* p. 30

<sup>28</sup> *Ibidem* p. 31

<sup>29</sup> *Ibidem* p. 32

<sup>30</sup> *Ibidem*

<sup>31</sup> ROSANVALLON, Pierre. **Por uma história do político**. São Paulo. Alameda, 2010.

### Capítulo III – Contrademocracia: a manifestação do político na democracia.

Mas vem junho e me apunhala  
vem julho me dilacera  
setembro expõe meus despojos pelos postes  
da cidade  
(me recomponho mais tarde,  
costuro as partes, mas os intestinos nunca  
mais funcionarão direito)

*(Poema sujo. Ferreira Gullar)*

O sentido político adquire um novo significado na modernidade e, segundo Pierre Rosanvallon, ele está sendo ampliado por duas razões: primeiro, pelo déficit de representação, o que ocorre a partir da transição de uma sociedade corporativa para uma sociedade de indivíduos. Para uma melhor compreensão, elucida-se que na sociedade antiga (corporativa), o indivíduo estava submetido ao coletivo ao qual pertencia e esses grupos eram pautados nos interesses comuns. Na passagem para a sociedade moderna (indivíduos), as ideias, opiniões e pensamentos se multiplicam e essa nova sociedade passa a ser composta por uma individualidade ao invés da coletividade. Tal fator leva a um déficit de representação, uma vez que nessa redução de escala da sociedade (do coletivo para o individual), encontra-se uma maior dificuldade da representação social, na esfera do Estado, justamente pela multiplicação de ideias. Ao proporcionar forma política ao social, representando os indivíduos no âmbito do Estado e corporificando a sociedade politicamente, a representação influi no modo pelo qual os indivíduos conduzem suas atividades e se relacionam com seus espaços de experiência.

Essa representação se mostra ora como problema, ora como solução. Um problema, pois, sempre há na troca entre representantes e representados uma perda da heterogeneidade do social. Visto que é impossível a representação total da sociedade, nessa troca há sempre uma perda significativa de parte da representação social. Nesse sentido, os indivíduos encontram mais dificuldade de se perceberem como pertencentes à sociedade, de se encontrarem como membros de um tecido social.

A solução se apresenta já que é a partir da representação que os representados se veem representados, que o social toma forma e os pensamentos e ideias podem ser

representadas na esfera do Estado. A representação traz pra dentro dos espaços institucionais o diferente e o plural, ela se funda em um regime que operaria de acordo com as aspirações e desejos da sociedade. Assim sendo, o político é invocado para ser o agente representante de uma sociedade na qual a natureza não está dada de forma imediata.

A segunda razão apresentada por Rosanvallon é o princípio da igualdade, segundo o qual é possível concluir que nas sociedades modernas não há mais limites que possam ser impostos por qualquer agente externo e/ou instituição, que se coloquem contra processos de igualdade social. Tal igualdade corrompe toda tentativa de legitimação de diferenças em razão de alguma ordem natural.<sup>32</sup> Portanto, é possível ressaltar que a vida em sociedade é baseada em dois processos distintos, mas correlacionadas, são eles: o processo de reivindicações por igualdade econômica e o processo pela redução das diferenças sociais e antropológicas.<sup>33</sup>

Rosanvallon compreende o político como sendo composto por um campo e um trabalho. Ressalta sobre a primeira forma, sobre o campo político:

(...)designa o lugar em que se entrelaçam os múltiplos fios da vida dos homens e mulheres; aquilo que confere um quadro geral a seus discursos e ações; ele remete à existência de uma “sociedade” que, aos olhos de seus partícipes, aparece como um todo dotado de sentido.<sup>34</sup>

E, sobre o trabalho, Rosavallon define que o político qualifica o processo no qual um mero grupo de seres humanos, um mero agrupamento social, ou então, uma mera “população”, adquire progressivamente as características costumeiras de uma verdadeira comunidade.<sup>35</sup>

A diferença entre a política e o político tratada pelo autor, diz respeito ao fato de que enquanto a política é a área de competição partidária imediata pelo exercício da autoridade e do poderio, da intervenção cotidiana do governo e da existência ininterrupta das instituições. O político é entendido como o que constitui a *polis*, ou seja, cabe ao político falar da nação, das leis que regem o Estado, do próprio Estado, do princípio de isonomia, de alteridade, dos direitos e deveres do cidadão e da civilidade. Porém “a

---

<sup>32</sup> *Ibidem* p. 43

<sup>33</sup> *Ibidem*

<sup>34</sup> *Ibidem* p. 72

<sup>35</sup> *Ibidem*

atividade política *stricto sensu* é, de fato, o que ao mesmo tempo limita e permite, na prática, a realização do político”.<sup>36</sup>

A diferenciação se faz importante nas sociedades democráticas, pois as condições de vida não são definidas *a priori*, elas são fixadas por uma tradição ou impostas por autoridades, e assim, a partir das tensões subjacentes ao processo, a democracia constitui um campo amplamente aberto, colocando-se ela mesma enquanto um regime temporal e uma instituição. Adiante, Rosanvallon aponta que o fato de a democracia ser fundadora de uma experiência de liberdade, possibilita que ela nunca deixe de constituir uma solução problemática para instituir uma *polis* de homens livres, e, continua ao dizer que é constituinte da essência da democracia o caráter vacilante da mesma.<sup>37</sup>

O autor em questão também destaca a relação entre democracia e tempo. Ao tratar da democracia, temos que o tempo se apresenta enquanto uma variável ativa e construtiva, uma vez que a política é forjada no tempo social e marcada concomitantemente pelo trabalho da memória e pela avidez da vontade. A política é portanto, caracterizada por ser rizomática, criativa e inventiva.<sup>38</sup> Salienta-se que a atração pela democracia a curto prazo, que muitos sentem atualmente, não surge apenas

De uma espécie de aceleração da história artificialmente impulsionada pelas impaciências do mundo midiático. Na realidade, trata-se de um fenômeno estrutural. Para dar força substantiva a vontade geral, a democracia é constantemente tentada a valorizar o “capricho do instante” [...] que por sua vez se impõe como um amo destruidor.<sup>39</sup>

e continua:

O tempo da democracia aparece [...] suscetível de uma dupla defasagem: excessivamente imediato para problemas a longo prazo, excessivamente lento para a gestão de urgência. [...] essa tensão de temporalidades não deixa de se aprofundar e alimentar todo um conjunto de perplexidades e conflitos.<sup>40</sup>

As formas que a democracia se apresenta se associam com a multiplicidade do tempo, que faz par com as temporalidades plurais que constituem a experiência do ser. Nesse sentido de democracia e tempo, também podemos nos valer de Rosa, o autor aponta

---

<sup>36</sup> *Ibidem* p. 73

<sup>37</sup> *Ibidem* p. 74

<sup>38</sup> *Ibidem* p. 88

<sup>39</sup> *Ibidem* p. 89

<sup>40</sup> *Ibidem* p. 90

que a política agora apenas reage às pressões e não mais desenvolve suas próprias visões progressistas. Frequentemente, as decisões políticas não visam mais o desenvolvimento social ativo e acelerador, mas são defensivas e desaceleradoras.<sup>41</sup>

Rosa ainda nos apresenta o fato do sistema político se configurar como incapaz de se acelerar. Tal incapacidade acontece primeiro devido a uma dessincronização dos diferentes grupos e seguimentos da sociedade, como já apontado anteriormente, o que por sua vez, faz com que a política tenha seu próprio ritmo de aceleração e seus horizontes. O ritmo assumido pela política implica em paradoxos temporais, visto que o tempo que demanda uma decisão política democrática, é um tempo difícil de acelerar, mesmo porque os processos democráticos que envolvem a política forçosamente exigem tempo e esse tempo tem aumentado devido a algumas razões.

A primeira razão pode ser explicada pelo fato de que quanto menos consenso existe dentro de uma sociedade, menos convencionalistas vão ser os princípios que legitimam essa sociedade e, demorará mais tempo para se atingir um consenso. Em um mundo político inconstante, o tempo necessário para uma organização efetiva dos interesses comunitários é aumentado. A segunda razão pode ser compreendida ao salientar que quanto menor a certeza sobre o futuro, mais demorará para se planejar e tomar decisões quanto a ele. E por último, os efeitos das decisões políticas tomadas inclinam-se cada vez mais em direção ao futuro. Quanto maior for o alcance temporal de uma decisão, mais tempo se levará para a tomada racional dessa decisão.<sup>42</sup>

O campo político democrático é compreendido como sendo um terreno de expectativas, já que é a partir dele que os cidadãos vão guiar suas ações em direção ao futuro. É no terreno do político que o ser se planeja para ação, é nele que são feitas as projeções de futuro, traz a promessa de um horizonte melhor, nele são projetados os desejos e anseios depositados nas urnas a cada 4 anos no Brasil, tendo por perspectiva um horizonte mais amplo e acolhedor.

De fato, a democracia não tem uma forma única e universal, ao contrário, ela adquire suas particularidades a partir do espaço em que está inscrita, nesse sentido, existem diversas experiências democráticas, sendo tal conceito bastante maleável. Dentro dessas experiências, surge o que Rosanavallon chama de contrademocracia,<sup>43</sup> que não é

---

<sup>41</sup> ROSA 2011. p. 35

<sup>42</sup> *Ibidem* p. 39

<sup>43</sup> FARIA, A. M. T. O trabalho da representação e Pierre Rosanavallon. *Desigualdade & Diversidade* (PUCRJ), v. 5 -Jul/Dez, p. 33-62, 2009. p. 36

o contrário da democracia, ao invés disso, é uma nova experiência pela qual passa a democracia. O ritmo lento característico da obediência às instituições é contraposto pela contrademocracia, que é imediata.

Para o autor, a contrademocracia encontra-se principalmente nas instituições que não participam do processo democrático eleitoral e que se colocam como contraponto às instituições representativas eleitas. O princípio contra democrático opera por três vias: vigiar, impedir e julgar. A ideia de contrademocracia recai principalmente nas entidades judiciais e midiáticas, que nas sociedades que com vínculos representativos carentes, é responsável por grande parte do fluxo de informação entre seus entes. Tal fluxo é fundamental para a manutenção dos vínculos representativos no âmbito do Estado. Na democracia representativa os veículos de comunicação em massa constituem um elemento basilar e, essas informações são indispensáveis para a contrademocracia, pois ampliam as três operações pelas quais ela se orienta.

O vigiar se encontra no próprio ato de vigilância mesmo, de observar, de denunciar, de estar alerta, de estar atento. O impedir diz respeito ao poder dos cidadãos de expressar seu veto ou vetar propriamente certas decisões tomadas pelos seus representantes. Porém, para Rosanvallon, esse sentido tem se exaurido, pois o sufrágio agora expressa cada vez mais uma rejeição aos governantes do que propriamente uma adesão aos programas desses representantes, e o ato de recusa, de veto, reitera a soberania do povo em relação aos detentores de poderes governamentais. Nesse sentido, a democracia encontra-se sempre marcada pelas confrontações que são realizadas por diversos atores, tanto de setores sociais, como econômicos e políticos. No julgar, encontra-se o julgamento público por parte da sociedade civil perante as ações tomadas por seus representantes, e, atualmente tem tomado a forma da judicialização da política. As três vias, ao seu modo, configuram-se enquanto formas de participação da política. Essas operações têm-se expandido em parte graças a revolução tecnológica. Tais ações deixaram de estar concentradas em entidades previamente institucionalizadas e ganharam forma também entre as camadas populares.

O aumento e expansão da cobertura midiática, tanto daquelas tradicionais como as emergentes, fez com que grande parte dos cidadãos tivessem acesso à informação, seja essa verdadeira ou não, parcial ou integral. A internet aboliu o espaço geográfico, agora é possível ter acesso a informação em tempo real, o que fazer com esta ainda cabe ao indivíduo, porém não existe mais a impossibilidade acesso à informação, e por certo, a mídia influencia na sociabilidade a nas orientações do ser no mundo que é o nosso. A

mídia expandiu a vigilância a todos os cidadãos, e junto com essa vigilância, vem o poder de veto e o de julgamento, muito bem demonstrados nas manifestações de julho de 2013, onde a cobertura, pelo menos inicialmente, era em grande parte tendenciosa e parcial.

A expansão da contrademocracia incita participações até então estioladas no Brasil, ela influencia as formas de participações não convencionais na política, e é nesse cenário que surgem as Jornadas de Junho. As crises de legitimidade causadas pela representação fazem com que esses atores sociais busquem novas formas de legitimidade, e a democracia demanda a produção de formas de identificações reais em que o social se encontre expresso, visto que um dos problemas da representação é essa não identificação real.

Rosanvallon chama essas novas formas de participação de políticas de protesto.<sup>44</sup> Quanto a isso o autor argumenta:

Seu objetivo é levantar os problemas, contrariar os poderes, não representar as populações. Eles correspondem a uma nova era onde o objetivo da política consiste mais em tratar das situações (*traiter des situations*), do que federar grupos estáveis e gerar estruturas. Enfim, sua característica comum não é a busca por tomar o poder, mas por influenciá-lo.<sup>45</sup>

A democracia estaria passando por uma nova experiência. Não obstante os problemas em que ela já se encontra envolta, como as questões sobre representação e cidadania, agora surge um novo problema formado pela desconfiança dos cidadãos nos poderes constituídos e seus representantes, agravados e minuciosamente explorados pelas mídias e pela justiça, o que agrava ainda mais o problema. Assim, a contrademocracia agrega a democracia no sentido em que esta se torna mais rica de experiências, ela vigora a democracia, coexiste à democracia. As participações nesses processos aumentam a percepção do indivíduo no seu caráter social e político, no seu sentido de pertencimento, mas ao mesmo tempo aumentam a distância entre representantes e representados, ao passo em que não existe mais confiança na democracia em sua forma tradicional.

O MPL em 2013 se declarava como sendo um “movimento horizontal autônomo, independente e apartidário, mas não antipartidário”<sup>46</sup>, o movimento buscava uma quebra do *status quo* e não uma intervenção política ou a entrada na disputa pelo poder

---

<sup>44</sup> ROSANVALLON aput FARIA, 2009. p. 50

<sup>45</sup> *Ibidem*

<sup>46</sup> Site MPL. Disponível em: <https://www.mpl.org.br/>



mandatário. Sabe-se que com o desenrolar dos protestos, o movimento tentou ser capturado tanto por setores da esquerda quanto por setores da direita do cenário político nacional, sabe-se que direções toma o evento de junho de 2013, mas no seu embrião o movimento nunca buscou o poder, era apenas uma tentativa de influenciar a decisão dos representantes na busca pelo acesso a cidade.

As manifestações surgem a fim de dar corpo político ao social, politizar as ruas, tornar um só os desejos individuais. Elas têm a intenção de dar sentido político ao social, às reivindicações da sociedade, surge com o propósito de aumentar os canais de participação na vida pública e aumentar o diálogo entre representantes e representados, além da crítica ao modelo democrático-representativo nacional, que nesse caso começou com a crise dos transportes públicos.

#### Capítulo IV – As características das manifestações brasileiras iniciadas em 2013.

Condução lotada, apertada, de pé  
A cidade desce no largo da Sé  
Mecanicamente ela mostra ter fé  
Na proximidade de um dia qualquer  
E na Liberdade ela toma um café

Escritório, chefe, o cartão pra marcar  
O magro sanduiche engolido num bar  
Ela então desperta, ela tenta gritar  
Contra o que lhe aperta e que lhe faz calar

*(Conformópolis. Di Melo)*

Bruno Cava em seu livro “A multidão vai ao deserto: as manifestações no Brasil em 2013 (jun-out)” (2013) aponta que no Brasil

Em junho a terra tremeu. Forças subterrâneas e míticas, até então mantidas escravas e domesticáveis, atingiram o ponto de eclosão [...] foi como se placas tectônicas tivessem se mexido, transmitindo abalos em vários níveis, mudando a paisagem, reconfigurando espaços e a temporalidade da política brasileira.<sup>47</sup>

As manifestações tiveram como ponto de partida o aumento em vinte centavos no preço do transporte público na cidade de São Paulo, foram inicialmente conduzidas pelo MPL, e se tornaram capazes de reunir diversos setores da população. A pauta inicial ser sobre o preço da passagem pode ser explicada pela necessidade básica do ser humano de se mover – como mencionado anteriormente- e, é no trânsito, dentro do transporte público, que a maioria das pessoas das grandes cidades passam boa parte de seu tempo.

A mobilidade urbana dentro da lógica da aceleração tecnológica vinculada ao desejo de movimento, apresenta-se de forma frustrante, uma vez que a modernidade despontava com a possibilidade de mobilidade irrestrita e isso não é observado

---

<sup>47</sup> CAVA, 2013. p. 133

plenamente. O problema é que a fantasia da mobilidade irrestrita encontra limites no espaço geográfico e na clara sobrecarga do transporte dentro das cidades.<sup>48</sup>

No trânsito encontram-se os montantes de veículos atulhados de gente condescendente, submissa, com olhares apáticos, presos no tempo morto perdido do vai e vem diário do trânsito. São incontáveis as horas gastas sem nenhuma recompensa, pelo contrário, os preços e taxas a serem pagos não param de aumentar.<sup>49</sup>

Cava aponta sobre o transporte público, que o processo de estruturação das cidades brasileiras é baseado no modelo centro-periferia, e esse fato incide sobre a forma como os ônibus são tomados como um dos principais meios de circulação dentro das cidades, acresce-se a isso a deficiência histórica dos transportes públicos. A busca pela mobilidade urbana incita em uma luta maior, a luta pelo direito a cidade.<sup>50</sup>

No transporte “o problema é e sempre foi a falta de democracia. [...] e democracia inexoravelmente significa tumulto”<sup>51</sup>. A partir da pauta do transporte, outras reivindicações ganharam participação nesse cenário. Cenário esse, que foi capaz de reunir através das novas mídias online, diversos setores da população que em grande parte não eram militantes, eram cidadãos, em sua maioria jovens indignados com a corrupção, com a política e seus representantes, e, detectavam no governo a culpa pelo que chamavam de caos em setores como a saúde, a educação e a segurança. Portanto é possível inferir que os protestos se fragmentaram em diversas vertentes.

Sobre essa questão, Mata nos apresenta, apoiado em Lubbe, o conceito de “adensamento das redes”<sup>52</sup> que diz respeito ao aumento da interrelação entre as formas de comunicação e as formas que se deslocam as sociedades hodiernas. Assim, de um lado temos os meios pelos quais as mensagens são trocadas e de outro, os meios pelos quais os produtores dessa mensagem se deslocam. O pensador afirma que com a tecnologia em desenvolvimento constante, os processos de troca signos é cada vez mais independente das redes pelos quais os produtores desses signos se deslocam.

Pode-se relacionar essa questão à revolução tecnológica discutida por Rosa, (2011) uma vez que a velocidade de informação aumentou à medida que novas tecnologias de comunicação se tornaram mais disponíveis. Ao contrário do século passado onde os meios de comunicação eram lentos e circulavam basicamente através de

---

<sup>48</sup> MATA, 2017 p. 536

<sup>49</sup> CAVA, 2013 p. 24

<sup>50</sup> *Ibidem* p. 46

<sup>51</sup> *Ibidem* p. 26

<sup>52</sup> LUBBE apud MATA, 2017 p. 535

cartas ou papéis impressos com notícias, o novo século impôs a tecnologia através das telas, ao toque do dedo. Pode-se compartilhar ou ler, qualquer tipo de informação, não só notícias, como também sentimentos e memórias, presos no trânsito ou a qualquer momento. A velocidade de informação hoje é desproporcional à velocidade dos meios pelos quais os produtores/ receptores dessa informação se movimentam, porém, esse fato não faz com que a informação circule de forma mais lenta.

Cava aponta que sem o movimento nas ruas, os combates nas redes sociais podem se tornar uma revolta mecanizada, virtual. Nas palavras do autor: “sem as ruas, mesmo as redes sociais mais combativas podem decair numa indignação mecanizada”<sup>53</sup>. Em última análise, Mata aponta que os protestos de 2013 abordavam também

Uma revolta contra o abismo temporal que se instalou, de um lado, entre a extraordinária agilidade das mídias e das redes sociais e, de outro, a longa duração a que está condenado o mais simples ir-e-vir em nossas grandes cidades.<sup>54</sup>

Uma vez que a modernidade versava sobre a condição da mobilidade irrestrita.<sup>55</sup> o autor, aponta ainda, que Lubbe afirmava que o adensamento das redes produziria um “efeito de descentralização”, no qual a emancipação das malhas de comunicação das malhas de locomoção, produziria um desfecho transformador do ponto de vista cultural.<sup>56</sup>

Rosa (2011) para explicar a aceleração do ritmo de vida, apresenta o conceito de ‘pendiente resbaladiza’ ou a ideia de uma escada rolante em declive, onde se corre o risco de perder a posição se não passar para o degrau acima, e afirma que este é um fenômeno bem conhecido na área de produção capitalista. O ser humano inserido em uma sociedade capitalista não pode parar e descansar, não é permitido uma estagnação na carreira, é preciso que a todo tempo se assegure sua posição. Não é possível encontrar um ponto de equilíbrio, uma vez que ascendendo, regredindo ou mantendo-se em sua posição, é o equivalente a ficar pra trás. Portanto, os indivíduos em uma sociedade com altas taxas de aceleração no ritmo de vida, sentem que estão estagnados nessa condição, uma vez que um longo descanso significa ficar ultrapassado, seja na própria experiência e

---

<sup>53</sup> CAVA, 2013, p. 34

<sup>54</sup> MATA, 2017. p. 537

<sup>55</sup> *Ibidem*

<sup>56</sup> LUBBE apud MATA, 2017. p. 536

conhecimento, quanto na moda, na tecnologia, na linguagem e, até mesmo, em suas orientações pessoais.<sup>57</sup>

Nesse sentido, com relação às demandas do mundo moderno, a aceleração pode ser entendida como o medo de sair perdendo. Rosa aponta que na modernidade esse medo se converte sobre o indivíduo em suas obrigações para com o mundo: temos que nos manter informados, ter ligações e encontros sociais regulares, diversificar as habilidades, buscar por melhores oportunidades de trabalho, viajar, ter hobbies, enfim conhecer e buscar mais sobre mais.<sup>58</sup>

Para Cava, o Brasil de 2013, pode ser tomado como um exemplo em que isso também acontece. Afirmando que o brasileiro no novo projeto de Brasil “tem que se qualificar de maneira permanente, competir ferozmente por vagas disputadíssimas, tem de permanecer atento para as ameaças e oportunidades de um mercado cambiante” e que hoje já se nasce cheio de deveres:

Deve galgar um status para comprar apartamento bem localizado e carro particular, ter um bom plano de saúde, previdência privada, juntar o suficiente para colocar os filhos em escola particular, e assim por diante. E se não conseguir, a culpa é sua. Se está espremida dentro de um ônibus, é porque fracassou em comprar um carro. Se está sofrendo numa fila de hospital, é porque fracassou em pagar um plano de saúde. Não se esforçou o bastante, não teve mérito: a culpa é sempre sua. Nunca de uma organização social que não somente nega os direitos mais básicos (saúde, educação, serviços decentes...), como faz cada um sentir-se individualmente culpado por isso.<sup>59</sup>

À vista disto, encontra-se um cenário no qual cada indivíduo é responsável pelo seu sucesso ou fracasso. Tanto Rosa como Cava, apontam essa situação como consequência direta da influência do capital, uma vez que este é um sistema de dominação opera por vias subjetivas.<sup>60</sup>

Com relação ao capital e sua característica no Brasil de 2013, Cava aponta que no país a crise global teve um efeito adverso, pois ele era o mais “estável” do continente sul-americano e se tornou um reduto pro enfraquecido capital global. O mercado interno nacional funcionava como válvulas de escape para investimentos externos desordenados.

---

<sup>57</sup> ROSA, 2011

<sup>58</sup> *Ibidem*

<sup>59</sup> CAVA, 2013, p. 76

<sup>60</sup> ROSA, 2011; CAVA 2013

Concomitante a isso, dentro das fronteiras internas existia uma excitação sobre a nova condição de país emergente. O Brasil enfim poderia atingir uma posição e uma condição diferenciada no ranking do capital global.<sup>61</sup>

Nos anos de 2002 até 2015, em que o PT (Partido dos Trabalhadores) se manteve no cargo máximo do governo federal, houve uma inclusão social. Em pouco tempo, cerca de 10 anos, milhões de brasileiros alcançaram um patamar até então desconhecido de renda e de acesso ao mercado de consumo. No Brasil, sempre existiu na base da pirâmide social, um número incontável de pobres sem perspectiva de construir um futuro próspero, sem condições de estudo ou trabalho que não fossem profundamente precárias, sem renda garantida e com ínfimo poder de consumo.<sup>62</sup>

Cava afirma que foi na convergência entre os que querem mais e melhor e o “descarrego das culpas acumuladas diante do crescimento do Brasil”<sup>63</sup> que as manifestações puderam ocorrer. O encontro para que isso se efetivasse se deu na crise dos transportes e um dos efeitos dessa inclusão é que

Também se fortaleceram as ferramentas políticas, culturais, comunicativas, cujo contrafeito é uma capacidade superior também de agir e demandar. O ciclo se retroalimenta, e as pessoas querem cada vez mais, elevando o nível de exigências.<sup>64</sup>

É algo próprio do regime temporal ao qual estamos inscritos, que a crescente melhoria do padrão de vida que pode ser experienciada, aumenta proporcionalmente a sensibilidade do ser, assim como fez crescer sua intolerância para lidar com os custos advindos da modernização.<sup>65</sup> No caso dos transportes, apesar do crescimento na frota e rotas. que a população contemplou, este continua desconfortável, lento e superlotado.

Os protestos se seguiram pelos anos de 2014 e 2015, ano este em que houve o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff. A partir de então, via-se um novo tipo de militante nas ruas, entre eles o conservador de classe média, com diversos dizerem em cartazes, inclusive pedindo intervenção militar e com camisas da seleção brasileira. O que se via pelo país era um pêndulo que ia desde a ala mais radical da esquerda, em busca de mudanças sistêmicas, até a ala mais conservadora da direita, que buscava a garantia e

---

<sup>61</sup> CAVA, 2013, p. 76

<sup>62</sup> *Ibidem* p. 110

<sup>63</sup> *Ibidem* p. 52

<sup>64</sup> *Ibidem* p. 50

<sup>65</sup> MATA, 2017

manutenção de suas condições relativamente superiores com relação as classes mais baixas, propondo inclusive o definhamento das políticas públicas voltadas a inclusão.<sup>66</sup>

Com relação a classe média brasileira, por sua posição no sistema social, esta é fragmentada, sendo composta por uma gama de entes. Nesse sentido, atravessada pelo individualismo competitivo, sem um referencial social e econômico sólido e claro,

A classe média tende a suprir a experiência de um tempo descontínuo e efêmero com o imaginário da ordem e da segurança, que introduziria permanência temporal e espacial. [...] em decorrência de sua fragmentação e de sua instabilidade, seu imaginário é povoado por um sonho e por um pesadelo: seu sonho é tornar-se parte da classe dominante; seu pesadelo, tornar-se proletária. Para que o sonho se realize e o pesadelo não se concretize, é preciso ordem e segurança. Isso torna a classe média ideologicamente conservadora e reacionária, e seu papel social e político é assegurar a hegemonia ideológica da classe dominante. [...] a classe média não só incorpora e propaga ideologicamente as formas autoritárias de relações sociais, como também incorpora e propaga a naturalização e a valorização positiva da fragmentação e dispersão socioeconômica trazidas pela economia neoliberal.<sup>67</sup>

Efetivamente, a direita nunca esteve ausente no Brasil, e desde 2013 tem-se assistido o fortalecimento e a reorganização desse campo e com ele as políticas conservadoras. Esse fato segue a onda mundial da reorganização neoconservadora que se apresenta com postura autoritária e antidemocrática. No Brasil, a direita foi para as ruas pautada pela ideia de meritocracia, que pode ser relacionada ao conceito de pendiente resbaladiza. Para esse militante que agora ia as ruas, no mundo contemporâneo através das leis do capital, o sujeito é responsável pelo seu próprio futuro, logo, se o sujeito se encontra em desvantagem é porque não trabalhou o suficiente para mudar de condição.

Esse novo discurso sobre a meritocracia conveyo à classe média que sempre foi assombrada pela possibilidade de perder sua diferenciação em relação as classes mais baixas. Diferença essa que de certa forma foi diminuída durante o governo do PT, com o aumento da renda e das taxas de consumo. Isso foi central para que o novo militante da classe média fosse às ruas, uma vez que a distinção social entre as classes é o pivô das

---

<sup>66</sup> SCHERER-WARREN, Ilse. Manifestações de rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política. Caderno CRH, v. 27, p.417-4129, 2014.

<sup>67</sup> CHAUÍ, M. S. Breve história da democracia. Curso: A democracia pode ser assim: história, formas e possibilidades. Democracia em colapso? 1ed. São Paulo: Boitempo, v1, 2016.

sociedades modernas, e impreterivelmente, o poder de consumo é uma das formas pelas quais essa distinção se faz possível.<sup>68</sup>

Junto a isso, após o segundo mandato do presidente Lula (2006-2010) houveram diversas queixas, principalmente por parte das classes mais altas que se julgavam detentoras de uma racionalidade superior em relação ao eleitorado mais pobre desse partido. Essas queixas versavam sobre a incapacidade desses eleitores mais pobres, uma vez que o discurso das classes mais altas era de que esses eleitores buscavam apenas os benefícios do governo, e assim sendo, não pensavam racionalmente, mas apenas com interesse em políticas assistencialistas, proliferando a ideia de que essas políticas eram pra “sustentar vagabundos”. Tal fato, desembocou na não aceitação do resultado eleitoral de 2014, ano em que a presidente Dilma Roussef foi reeleita democraticamente.

Além disso, a ideia de que os direitos humanos e as políticas assistencialistas “sustentavam vagabundos”, deixou de ser pertencente exclusivamente ao campo político e foi levado para o campo social, em parte graças à campanha de redução da maioria penal em 2015. As críticas aos programas sociais se juntaram ao discurso meritocrático, onde a desigualdade faz parte das diferenças antropológicas entre os indivíduos.

O discurso emergente da extrema-direita contrário às políticas sociais, permitiu que a classe média declarasse de forma clara seu desconforto com relação à distância para com as classes mais baixas. As manifestações de 2015 e 2016, versavam sobre

A defesa da “meritocracia”, a denúncia dos “vagabundos” e o saudosismo manifestado em frases como “eu quero meu país de volta” - todas formas de expressão da repulsa pelos programas de inclusão social.<sup>69</sup>

Como efeito, a direita viu a possibilidade de radicalização do discurso, que ampliava o politicamente dizível e, tais discursos circulavam não raramente sob a justificativa da liberdade de expressão. Nessa nova direita existem diversas vertentes, as vertentes mais extremas incluem três ideologias principais, sendo elas: o libertarianismo, o fundamentalismo religioso e o fantasma do comunismo.<sup>70</sup> Além disso

Há um aglomerado ideológico mais ou menos coeso [...], na qual misturam-se ideais do conservadorismo, [...], e do reacionarismo. A essas ideias somam-se

---

<sup>68</sup> MIGUEL, Luis Felipe. A reemergência da direita brasileira. In: Esther Solano Gallego. (Org.). O ódio como Política: a reinvenção da direita no Brasil. 1ed. São Paulo: Boitempo, v.1, 2018.

<sup>69</sup> *Ibidem* n.p.

<sup>70</sup> *Ibidem* n.p.



outras que remetem à apologia do eugenismo e da segregação racial que fazem com que a nova direita flerte, de maneira consciente ou inconsciente, com construtos que remetem ao nazismo e ao fascismo.<sup>71</sup>

Com relação a direita, observa-se o crescimento de um discurso agressivo, com forte cunho moralista. O destaque dado à pauta conservadora, principalmente nos últimos anos de governo PT, que fez com que a direita reconquistasse parte do eleitorado perdido para o partido em função de suas políticas assistencialistas.<sup>72</sup>

No Brasil, a partir das manifestações de 2013, proliferam-se os coletivos sociais, entre eles os negros, LGBT's e feministas. Nesse período, observa-se o que já havia ocorrido em outros momentos conflituosos, a repressão policial extrema é combinada à produção de um inimigo a ser combatido, assim como há um elogio à higienização e ao poder pacificador do Estado. Esse pensamento é próprio do neoconservadorismo. A diferença entre o conservadorismo clássico e o neoconservadorismo, é que o primeiro tem suas raízes no século XVIII, com Edmund Burke<sup>73</sup> em defesa das instituições tradicionais frente às revoluções liberais. O segundo, surge na primeira metade do século XX, e “estrutura-se como reação ao *Welfare State* [...] à contracultura e à nova esquerda, fenômenos atrelados ao pós-Segunda Guerra Mundial e ao advento do regime de acumulação fordista”<sup>74</sup>. Para esse novo tipo de conservador

A ruptura com as bases que permitiram a consolidação da sociedade ocidental fez com que fossem apagadas as diferenças naturais existentes entre os indivíduos. Diferenças de classe, entre os sexos e até mesmo as raciais sempre fizeram parte da ordem social; abandonar essas diferenças em prol de uma ilusória “sociedade sem classes” levaria a uma degradação cultural sem precedentes. A prova disso estaria [...], na “infestação” de hippies, sindicalistas, estudantes, comunistas, negros e feministas, grupos que ganharam força em razão da permissividade e do assistencialismo estatal. Assim, a pauta neoconservadora é basicamente a de restauração da autoridade da lei, do restabelecimento da ordem e da implantação de um Estado mínimo que não embarace a liberdade individual e a livre iniciativa.<sup>75</sup>

---

<sup>71</sup> CARAPANÃ. A nova direita e a normalização do nazismo e do fascismo. In: Esther Solano Gallego. (Org.). O ódio como Política: a reinvenção da direita no Brasil. 1ed. São Paulo: Boitempo, v.1, 2018.

<sup>72</sup> MIGUEL, 2018. n.p.

<sup>73</sup> BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a revolução na França*. Tradução José Miguel Nanni Soares. São Paulo: Edipro, 2014

<sup>74</sup> ALMEIDA, Silvio Luiz de. Neoconservadorismo e liberalismo. In: Esther Solano Gallego. (Org.). O ódio como Política: a reinvenção da direita no Brasil. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2018, v. 1, p. 27-32.

<sup>75</sup> *Ibidem* n. p.

De certa forma, o pensamento conservador se relaciona com o sentimento de nostalgia, que é próprio de nossa época. Este sentimento pode ser entendido enquanto uma revolta contra a ideia de temporalidade vigente, revolta contra o tempo da história e do progresso. A irreversibilidade temporal e a dor do deslocamento provocado se colocam como condição central da modernidade. O mecanismo de defesa encontrado pelos seres é apegar-se à nostalgia como fuga às mudanças históricas e do ritmo de vida. No mundo globalizado, tecnologia e nostalgia são codependentes, a nostalgia aparece nas sociedades modernas como defesa à um mundo com altas taxas de aceleração e modernização. Atualmente é possível entender o sentimento nostálgico enquanto um luto, visto ser impossível realizar o retorno mítico, luto pela perda dos limites e valores bem definidos do mundo. A modernização e ritmo frenético da industrialização provocaram um desejo popular de retorno à tradição e aos ritmos mais lentos do passado.

Boym caracteriza dois tipos de nostalgia: a restauradora e a reflexiva. A saber:

A nostalgia restauradora não se percebe como nostalgia, mas antes como verdade e tradição. A nostalgia reflexiva reside na ambivalência do pertencimento e saudade humanos e não se desvia das contradições da modernidade. A nostalgia restauradora protege a verdade absoluta ao passo que a nostalgia reflexiva a coloca em dúvida. A nostalgia restauradora está no cerne do reavivamento nacional e religioso recentes. Ela apresenta dois enredos principais – o retorno às origens e a conspiração. A nostalgia reflexiva não segue uma trama única, mas sim explora formas de ocupar muitos lugares simultaneamente e de imaginar diferentes fusos horários. Ama os detalhes, não os símbolos, [...] esta tipificação da nostalgia permite-me distinguir entre, por um lado, a memória nacional baseada em uma única versão da identidade nacional e, por outro, a memória social, que consiste em quadros coletivos que marcam, mas não definem, a memória individual. A retórica da nostalgia restauradora não trata do “passado”, mas antes de valores universais como família, natureza, pátria, verdade. A retórica da nostalgia reflexiva trata de viver o tempo fora do tempo e de aproveitar o presente fugaz.<sup>76</sup>

Essa distinção se faz importante na medida em que nos serve de guia para entendermos pelo menos em parte o pensamento contemporâneo, já que se aumenta o conservadorismo e a imutabilidade das novas tradições concomitantemente aos rápidos

---

<sup>76</sup> BOYM, S. Mal-estar na nostalgia. História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography, v. 10, n. 23, 4 jul. 2017 p. 159.

avanços do ritmo e escalas da modernização. quanto maior a veemência ao passado como um caminho a ser seguido e continuado, e o destaque a seus apreços conservadores, este passado narrado é exposto de forma seletiva. Essa seletividade quanto ao passado, no caso brasileiro pode ser verificada nos discursos de alguns conservadores quanto ao período ditatorial, ou no descrédito dos discursos das minorias, ou, até mesmo, na deslegitimação do discurso acadêmico e descrédito na ciência.

Outro fator a ser considerado sobre a modernidade é o que Rosa classifica como alienação. Para o autor, este termo diz respeito “à suspensão das relações entre o indivíduo e o mundo, como resultado da velocidade incompatível às experiências humanas, o que torna a vida social fria e muda”<sup>77</sup>, sendo assim, a alienação também é uma forma de estar em dessincronia com o tempo. Para elucidar essa questão, Rosa aponta a síndrome de *Burnout*, na qual as pessoas, a despeito de saberem da possibilidade de serem bem sucedidas em diversas áreas da vida, “sentem ao mesmo tempo que o mundo se tornou frio, mudo e surdo [...] e quando essas mesmas pessoas olham para dentro de si [...] sentem-se alienadas de si, como se tudo em suas vidas estivesse vazio e mortificado”<sup>78</sup>. No entanto, também ocorre a experiência da não-alienação, de sentir-se não-alienado, o que acontece quando nos defrontamos com algo novo, uma experiência inédita.

Nesse sentido, as manifestações traziam essa nova experiência. As manifestações buscaram uma reorganização do horizonte a partir de um passado que não se confiava mais. A busca por mudanças é uma característica das sociedades modernas devido a sua orientação para o progresso. Sendo o político o terreno em que a sociedade transforma a si mesma e também o território de experimentos e exploração,<sup>79</sup> participar dessas manifestações era uma forma de reorganizar o horizonte que se delineava, e ter uma sensação de não-alienação, uma vez que ao estar detido em uma determinada experiência há a exposição do ser em si, e a partir dessa atividade é possível que esse ser se reorganize e também reorganize parte do mundo em que se encontra inserido. Essa sensação é possível “quando atualizamos algo próprio a todos nós, a possibilidade de participar da (re)constituição da realidade [...] ou do horizonte histórico [...] no interior do qual nos mobilizamos.”<sup>80</sup>

---

<sup>77</sup> ROSA, Hartmut. **Estud. Sociol.** Araraquara, 2017. Entrevista concedida a João Lucas Facó Tziminadis em 2017. p. 379

<sup>78</sup> *Ibidem*

<sup>79</sup> ROSANVALLON, 2010.

<sup>80</sup> RANGEL, 2017. p. 52

As manifestações de 2013, em alguma medida, pediam por mudanças nos mais diversos setores do país, o que Rangel (2018)<sup>81</sup> aponta é que para que a história se diferencie, é necessário que nos exponhamos à novas experiências e, a partir delas reorganizemos nosso horizonte. Mas para que isso ocorra de fato, é necessário que a própria história nos exponha ao seu caráter de mudança e que ela mesma já se encontre no movimento que é o da atualização. Para Cava (2013) “as principais mudanças acontecem quando o desesperadamente necessário se encontra com o subitamente possível”.<sup>82</sup> E para que isso ocorra é necessário que boa parte de nós se mobilize.

A experiência da não-alienação é possível dentro dos protestos, uma vez que a democracia é o terreno onde se pode reter alguma tensão e conseqüentemente, é necessária uma exposição e demora.<sup>83</sup> Além disso, é preciso que tenhamos orientações e confiança nessas novas experiências, e isso só é possível a partir de uma relação mais ou menos consciente com passados e futuros. É próprio da história se constituir de momentos de maior e de menor estabilidade, tornando possível assim a sua temporalização.<sup>84</sup> Nas sociedades modernas, a vida comunal registra

Inelutavelmente uma tensão permanente com suas próprias representações, dado que a estrutura social não é mais um produto da natureza ou da história, precisando por isso, ser continuamente construída e criticada.<sup>85</sup>

Sendo assim, Cava irá considerar que ocupar as ruas durante as manifestações, sair de seus lares, configura-se enquanto um ato de reinvenção, como uma oportunidade para o autoconhecimento, além é claro, de ser um ato político de recusa. Ademais, é necessário a frequentação de espaços como o da democracia, que é marcado pela tensão, pois neles, o ser é exposto a outras experiências afetivas possíveis. Assim sendo, “precisamos da democracia (da democratização) para nos expormos, ou melhor, para sermos expostos, para sermos mais intensos”<sup>86</sup>, para assim experimentar uma sensação de movimento e de atualização que é próprio da nossa temporalidade. E somente a partir da nossa relação na participação da construção ou organização de um novo horizonte

---

<sup>81</sup> DE MELLO RANGEL, Marcelo. Temporalidade e felicidade hoje: uma relação possível entre o pensamento histórico, a democracia e a experiência da felicidade. Revista ArteFilosofia, v. 25, p. 52-67, 2018.

<sup>82</sup> CAVA, 2013. p. 31

<sup>83</sup> RANGEL, 2017

<sup>84</sup> RANGEL, 2018

<sup>85</sup> ROSANVALLON, 2010

<sup>86</sup> RANGEL, 2018. p. 61

histórico, conseguimos superar sentimentos relacionados ao pessimismo próprio do tempo moderno.<sup>87</sup>

---

<sup>87</sup> *Ibidem*



## **Considerações finais**

De fato, não se pode abarcar todas as concepções acerca do tempo em uma só teoria, o tempo é múltiplo e singular. Apesar de adquirir suas particularidades resultantes de cada contexto em que está circunscrito, o tempo ainda continua um só, apesar de todas as características que poderemos usar para categorizar o tempo, este não passa de um evento psicológico, sendo assim, o tempo é fator fundamental da vida nas sociedades, não existe sociedade fora do tempo, deslocada de algum contexto temporal. Portanto, o tempo apresenta-se enquanto uma variável ativa e constitutiva das vidas em sociedade, moldando a forma pela qual o ser se guia no interior de um mundo que é o seu.

A temporalidade moderna, experimentada principalmente pelas sociedades ocidentais que majoritariamente se encontram nos espaços urbanos, se apresenta de forma acelerada, é como se não dispuséssemos de tempo suficiente para vivenciar as experiências que são acometidas diariamente. Tal fato revela uma espécie de contração temporal, o presente se torna mais curto e além disso, o futuro torna-se mais distante, vive-se cada vez mais no presente e pensando nele, criando assim uma desconfiança quanto ao futuro.

À essa não confiança no futuro soma-se um presente que ao mesmo tempo é duradouro e fugaz, fazendo com que as buscas de experiências se voltem para o passado, visto tratar-se de um terreno seguro, uma vez que já é conhecido. Sendo basilar da vida em sociedade, o tempo encontra-se em todos os âmbitos da vida, inclusive no terreno político, visto que a política é outra parte constituinte do ser social. Engana-se quem pensa que a política existe e acontece apenas nas arenas de disputa pelos poderes legislativos. Cada comunidade é uma micropolítica, todo diálogo é político assim como viver em comunidade, experimentar as trocas afetivas dentro das sociedades e realizar ações de retórica. A política está vinculada ao nosso dia a dia de forma inconsciente, assim como o tempo.

A democracia, tal qual se apresenta, tem passado por mudanças que sistematicamente vem transformando a forma pela qual se faz política e a compreensão da mesma por parte da sociedade civil. A busca ideal pelo passado e pela volta dos valores, desemboca em uma política conservadora que tem se mostrado crescente, com seus executores estando cada vez mais presentes nos espaços de poder. As ideias conservadoras tem circulado cada vez mais através de grupos de mensagens eletrônicas, muitas vezes circulando em forma de memes ou fake news.

É preciso salientar que o conservadorismo é dinâmico e por assim ser, também é submetido às alterações no tempo e espaço em que está vinculado. Além disso, não se pode negar a importância dos espaços virtuais no cenário político atual. A política moderna movimenta-se pela estrutura virtual, contrapondo-se à forma tradicional de se fazer política, através de propagandas em veículos de comunicação, panfletos, comícios e até mesmo, o boca à boca, embora ainda seja possível encontrar campanhas que utilizem de tais artifícios.

Os conservadores enxergam no mundo moderno a decadência dos costumes e da moral. A liberdade sexual e a possibilidade de se explorar as fronteiras de sua própria sexualidade entram em confronto com o modelo social a ser seguido até então. Soma-se a isso, a luta feminista, a causa negra, a busca por igualdade social e as religiões não cristãs, que escancaram aos conservadores a impossibilidade da continuidade de seus ideais. A onda de protestos surgida no começo da década passada, embora que diferente em suas reivindicações, vieram para sacudir - por assim dizer - a democracia, vieram para lhe dar vitalidade, já que há muito não se viam protestos massivos como os que foram. É possível salientar então, a importância dos protestos de massa para a democracia, algo notório até os dias atuais.

Os protestos iniciados em junho de 2013 no Brasil começam com uma busca pela melhoria dos serviços públicos e logo tornam-se uma forma de repúdio aos poderes, ao governo e aos políticos. O que se observa é uma guinada ao espectro conservador, tal fator pode ser constatado logo no início dos protestos através dos cartazes com diversos dizeres e das pessoas vestindo a camisa da seleção brasileira. O fato é que nos protestos de 2015, após 50 anos, a rua é controlada pela direita novamente, sendo que a última vez que tal fato se deu foi em 1964, com a Marcha da Família com Deus pela Liberdade.

As manifestações iniciadas em 2013 no Brasil marcam o surgimento de um evento, um acontecimento, no sentido que este rompe com a ordem pré estabelecida, trata-se de uma experiência nova para muitos que estavam nas ruas. Surgidas algo desconhecido e que ninguém pode controlar, o evento é a irrupção de algo novo e assim sendo, é também um laboratório. A essência dos protestos iniciados em junho foi disputada no interior do próprio movimento, ou seja, enquanto estes ainda ocorriam, as pautas levantadas por eles estavam em disputa por grupos ideológicos antagônicos.

As narrativas em torno de 2013 podem ser significadas e ressignificadas, o evento não se esgota nele mesmo, ainda hoje 2013 se apresenta como um legado passível de produções e interpretações sobre o mesmo. Inegavelmente, 2013 foi um acontecimento



extremamente politizando tanto por setores da esquerda, como da direita. 2013 não deixa apenas um rastro de retrocesso, pelo contrário, viu-se o fortalecimento de coletivos, uma maior participação popular no processo democrático e a contribuição de novas formas de se fazer e compreender a política.

## **Bibliografia:**

AGOSTINHO. “Livro 11”. In. Confissões. São Paulo: Paulus, 2002.

BOYM, S. Mal-estar na nostalgia. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 10, n. 23, 4 jul. 2017

BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a revolução na França*. Tradução José Miguel Nanni Soares. São Paulo: Edipro, 2014

CAVA, Bruno. A multidão vai ao deserto: as manifestações no Brasil em 2013 (jun-out). São Paulo: Annablume, 2013.

CHAUÍ, M. S. Breve história da democracia. Curso: A democracia pode ser assim: história, formas e possibilidades. Democracia em colapso? 1ed. São Paulo: Boitempo, v1, 2016

DA MATA, Sergio. Depois do fim do platonismo fenomenológico: Hermann Lübbe e a descrição da aceleração civilizacional moderna. *CIVITAS: REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS*, v. 17, p. 523-541, 2017.

FARIA, A. M. T. O trabalho da representação e Pierre Rosanvallon. *Desigualdade & Diversidade (PUCRJ)*, v. 5 -Jul/Dez, p. 33-62, 2009. p. 36

GALLEGO. Ester Solano (Org.). *O ódio como Política: a reinvenção da direita no Brasil*. 1ed. São Paulo: Boitempo, v.1, 2018

INSTITUTO DATAFOLHA, 2013. Disponível em:

<https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2013/06/1297654-largo-da-batata-reuniu-75-mil-a-maioria-novatos-na-onda-de-protestos.shtml>. Acesso em: abril de 2021.

INSTITUTO DATAFOLHA, 2020. Disponível em:

<https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2020/06/1988742-maioria-tem-orgulho-do-brasil-mas-esta-triste-e-pessimista-com-o-pais.shtml>. Acesso em: abril de 2021.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

RANGEL, Marcelo de Mello. Entrevista Marcelo de Mello Rangel. *Ensaio Filosóficos*, v. XVI, p. 119-139, 2017.

RANGEL, Marcelo de Mello Temporalidade e felicidade hoje: uma relação possível entre o pensamento histórico, a democracia e a experiência da felicidade. *Revista ArteFilosofia*, v. 25, p. 52-67, 2018.

ROSA, Hartmut. Aceleración social: consecuencias éticas y políticas de una sociedade de alta velocidade desincronizada. *Persona y Sociedad*, Santiago de Chile, v.25, n.1 , p.9-49, 2011.

ROSA, Hartmut. **Estud. Sociol.** Araraquara, 2017. Entrevista concedida a João Lucas Faco Tziminadis em 2017.

ROSANVALLON, Pierre. **Por uma história do político**. São Paulo. Alameda, 2010

SCHERER-WARREN, Ilse. Manifestações de rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política. *Caderno CRH*, v. 27, p.417-4129, 2014.

SITE MOVIMENTO PASSE LIVRE. Disponível em:

<https://www.mpl.org.br>. Acesso em: abril 2021

SITE YOUTUBE. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=xjjISK6QfJg&ab\\_channel=DEPARTAMENTODEHISTORIA](https://www.youtube.com/watch?v=xjjISK6QfJg&ab_channel=DEPARTAMENTODEHISTORIA).

Acesso em: abril 2021